



INSTITUTO
VITA ALERE
DE PREVENÇÃO E POSVENÇÃO DO SUICÍDIO

II CONCURSO LITERÁRIO VITA ALERE MEMÓRIA VIVA: HISTÓRIAS DE SOBREVIVENTES DE SUICÍDIO

CATEGORIA I: COMPORTAMENTO SUICÍDA

3º. Lugar

O SILÊNCIO

Autor: Ricardo Luís Kruchinski

Era uma bela e ensolarada tarde de sábado. Os garotos e garotas mais velhos foram andar de bicicleta em alguma trilha da região. Eu e os outros dois caçulas da turma da rua ficamos brincando. Não lembro o que aconteceu direito mas sei que os outros dois garotos falaram que eu era chato e que não brincariam mais comigo. A dor que senti foi tão grande que fui para parte de trás de casa para tentar me matar.

Pensei em me enforcar (como em vários momentos em que senti o aperto na garganta). Não sabia, contudo, fazer nós ou qualquer coisa do tipo: era apenas um garoto de seis anos num época totalmente analógica!

Mesmo assim peguei o material que me pareceu mais adequado para tirar minha vida. O que, no caso, foi um arame liso que sobrou da instalação do varal externo. Enrolei ao redor do meu pescoço e comecei a apertar.

Quanto mais eu apertava, contudo, mais meu pescoço “se defendia” e ficava rígido. Eu chorava, pois queria me matar e não conseguia. A dor do abandono era tão grande... Eu já fingia suportar ser o único filho de pais separados entre todos conhecidos (situação que perduraria até o final do ensino fundamental).

O pior que podia acontecer para mim acabou ocorrendo. Fui pego. Minha mãe e o padrasto chegaram em casa! Tentei livrar-me da prova do “crime”. Não consegui. Minha mãe se assustou quando me viu e pediu o que houve. Contei. Ela me ajudou a tirar o arame e falou para o companheiro dela. Não sei se ela falou para meu pai. Sei que a vergonha me fez ser mais contido. Nunca mais tentei, diretamente, me matar. Fiz, no entanto, coisas arriscadas, andar em telhado em noite chuvosa. Subir em qualquer lugar que achasse interessante e coisas do tipo.

Não bastava, no entanto, ter pais separados e possuir um forte sentimento de culpa e abandono. Dizem que a vítima chama o predador. Não sei se é verdade e, atualmente, não me importa! Sei que o que aconteceu me faz vacilar em escrever essa parte e não conseguirei dar detalhes.

Consigo, apenas, dizer que fui abusado sexualmente nessa mesma época. Não lembro se eu possuía seis ou sete anos. Lembro-me de muito mas me é extremamente dolorido para escrever isso.



Um dos garotos mais velhos da vizinhança me enganou com alguma historinha e me levou para a área de serviço da casa dele. Lá fui usado como uma “grande mão” enquanto ele fantasiava com algum namorico da escola. Inclusive chamando o nome dela enquanto ejaculava. Lanças me atravessam agora. Sinto-me totalmente empalado.

Dor. Raiva. Culpa. Culpa.

E essa culpa. Essa certeza de eu fiz algo errado ainda permeia minha vida. É uma quase certeza de que tudo o que eu fiz na minha vida está, de alguma forma, mesmo que eu não saiba, errada.

Esse sentimento de culpa também alcançou a separação de meus pais. Mesmo eles tendo se separado quando eu nem três anos tinha essa culpa alcançou este fato. Repetidas vezes eles falaram de que eu não tinha culpa de coisa alguma, eles eram os responsáveis pela separação. Minhas emoções, contudo, assumiram que eu sim tinha alguma culpa nisso. Pois se eu não existisse não haveria brigas entre eles. Os dois se separariam e pronto. Certo que essa culpa foi fortalecido por frases “de brincadeira” de minha mãe ao falar que os peitos dela estavam murchos por minha causa.

No entanto o comportamento que mais me abalou vindo de meus pais foi o desinteresse. Não que eles realmente não se importassem comigo mas sim que eu não vi eles fazerem algo a respeito ao estuprador quando descobriram o que aconteceu.

Novamente eu senti-me culpado. Senti-me sozinho. Senti-me vítima e réu. Indigno de receber justiça. Carinho eu recebia, não sei se eu tinha certeza do amor... pois fiquei procurando atenção em tantos outros lugares...

O principal deles era o jogo. Qualquer tipo de jogo. No jogo eu era bom. E em poucos jogos eu perdia para alguém. Os jogos eram meus amigos e nunca falhavam comigo. Não me deixavam sozinho quando precisavam fazer outra coisa.

No entanto o jogo não me serviu somente como fuga da realidade. Se transformou numa prisão. Visto ser mais fácil a lógica, a vida, os dilemas e problemas dos jogos. Ignorei a existência de tais coisas no mundo real.

Prisão esta que me trouxe amigos (ou seriam companheiros de cela?) mas impediu-me de esforçar-me em qualquer trabalho que realizasse e me prendeu em alguns outros vícios. Fiquei por muito tempo vivendo num mundo à parte da realidade. Buscando ser o melhor no mundo virtual mas o mais coitadinho no mundo real.

Na prática vivi e ainda vivo um suicídio social o qual não consigo explicar direito. Não que eu fosse antissocial, bem pelo contrário, era (ou sou) carente. Sempre agindo como coitado, alguém que merecia pena. Só que isso irrita as pessoas. Isso me afastava ainda mais.

Quando mudei de fé, as coisas pareceriam ser melhores. Ledo engano, ao menos em parte. O enorme vazio que eu sentia foi-se. No entanto, o isolamento social ainda era uma constante. E mesmo apoiado em minhas necessidades emocionais e até parentais,



INSTITUTO
VITA ALERE
DE PREVENÇÃO E POSVENÇÃO DO SUICÍDIO

com o passar do tempo e a dificuldade em atingir o patamar moral por mim esperado me fizeram distante da religião (e às vezes de Deus também).

Continuei seguindo minha vida. Namorei, noivei, e quanta dor senti e causei. Ela também sofreu abusos, e mesmo eles não sendo de ordem sexual foram até piores dos que eu sofri. Me formei e sou concursado, pois sim, sabemos que os depressivos tocam suas vidas normalmente: conversam, saem, brincam e se divertem, mas sempre há aquela presença, ou ausência, em tudo que fazem.

Para mim era a sensação de deslocamento. Os quais só fui começar a entender a poucos anos quando conheci mecanismos de autoconhecimento. Também encontrei religiosos mais preparados em me ajudar e comecei a fazer terapia específica para meu problema (a incapacidade ou desinteresse de alguns profissionais é assustadora).

No entanto, mesmo assim, somente após uma briga e uma caminhada em meio à chácaras pude, ao fugir de alguns cachorros, ver a cor e a adrenalina da vida! A vontade viver tinha voltado porque meu instinto de sobrevivência foi ativado. Chega a ser irônico que um cachorro bravo conseguiu me tocar mais fundo do que várias pessoas sequer chegaram perto. Agradeço a Deus por isso.

Hoje, a vida é bela. Tenho um raio de sol que me sorri todos os dias pelas manhãs. Um sorriso desdentado e de poucos meses mas que eu amo tanto que não consigo mensurar. E tudo parece se encaixar que até meu sonho de ser escritor está se concretizando em 2018. A vida é bela prestes a completar um ano sem depressão. Mesmo que a Velha Companheira Cinza ainda venha me fazer algumas visitas, atualmente ela não mora mais comigo.

INSTITUTO
VITA ALERE
DE PREVENÇÃO E POSVENÇÃO DO SUICÍDIO

www.vitaalere.com.br